



# Guerra Fria, a paz cheia de medo

*Quase 50 anos foram vividos sob o temor do conflito nuclear*

## Procópio Mineiro

**U**m clima de relaxamento militar internacional acompanha este fim de século, cuja marca, porém, foi a confrontação direta ou sua ameaça entre nações. O conflito de interesses econômicos determinou a primeira Guerra Mundial e preparou a Segunda. Após esta, quase 50 anos foram vividos na expectativa sinistra de uma terceira guerra, a ser travada com bombas nucleares, entre dois blocos ideológicos – a guerra final que determinaria um novo começo para uma humanidade de poucos sobreviventes.

Se as bombas não explodiram, arsenais imensos, no entanto, foram formados e recursos infinitos consumidos na pesquisa e construção de artefatos de guerra cada vez mais letais, por vezes testados em conflitos localizados, nos quais se antevia o desastre derradeiro.

Esta herança da Segunda Guerra Mundial foi a Guerra Fria, a expectativa do confronto apocalíptico.

**Política de blocos** – Tendo por base as diferenças ideológicas entre o mundo do capital e o mundo socialista – que vinham desde o triunfo da Revolução Soviética na Rússia, em 1917 – o final da Segunda Guerra marcou a retomada do clima hostil entre os dois lados. Do ponto de vista soviético, os recentes ex-aliados da luta contra o Eixo esqueciam compromissos de cooperação com Moscou, e passavam a desenvolver políticas que, no fundo, visavam a isolar, outra vez, o “vírus” comunista do cenário internacional. Do ponto de vista norte-americano, a URSS, agora protegida por um cinturão de países sob seu controle na Europa Oriental, era uma espécie de dragão fortalecido pelos triunfos contra Hitler e disposto a atrair países ocidentais para sua órbita.

Talvez a saída de cena dos dois outros protagonistas aliados – o presidente norte-americano Franklin Roosevelt faleceu em abril de 1945 e pouco depois o primeiro-ministro inglês Winston

Churchill foi derrotado nas eleições – tenha colaborado para a deterioração das relações. O líder soviético Josef Stalin, o único dos três ainda em comando, teve assim que se entender com os novatos Harry Truman e Attlee, nos últimos meses da guerra. Truman era um anti-soviético assumido, bem diferente de Roosevelt e o entendimento se tornou difícil.

na e o segundo, sob a da União Soviética. Cada um formou sua aliança militar (Otan, ocidental, contra o comunista Pacto de Varsóvia). Ao gesto de um, correspondia um contragesto do outro. A mistura de desconfiança e temor desenvolveu a disputa em todos os campos, particularmente naqueles que tinham algum significado militar: corrida



*Henry Kissinger e o Le Duc Tho, negociando a paz em Paris (1973), dois anos antes que o conflito cessasse pela vitória militar dos comunistas vietnamitas*

**Disputa e segurança** – Truman diria, em 1947, que “regimes totalitários, impostos a povos livres por agressões diretas ou indiretas, solapam o fundamento da paz internacional e, por isso mesmo, a segurança dos Estados Unidos”. Era a Guerra Fria em conceito, sob a ótica dos interesses de Washington. Tal base de raciocínio viria a inspirar a chamada Doutrina de Segurança Nacional, nos países em desenvolvimento do mundo ocidental, e criar ditaduras militares em nome da luta anticomunista.

Da multipolarização internacional anterior passava-se, assim, à bipolarização. Já não vigoravam os interesses regionalizados, mas a disputa planetária: Ocidente (capitalismo) contra o Oriente (comunismo), o primeiro sob a liderança norte-americana

armamentista, corrida espacial, corrida tecnológica.

Se Truman pôde em 1945 despejar a bomba sobre Hiroxima e Nagasaki, Stalin já em 1949 podia iniciar a construção de seus arsenais nucleares. Em 1954, a URSS abria a primeira central nuclear para geração de energia; em 1957 dava outro passo pioneiro, colocando em órbita da Terra um satélite artificial, o *Sputnik*, e, em 1962, colocava em órbita, pela primeira vez, um homem, Yuri Gagarin.

A URSS pousou máquinas em Vênus e Marte, antes dos norte-americanos, mas estes chegariam primeiro à Lua, em 1969, e colocariam em órbita uma estação permanente, o *Skylab*, e também partiriam na frente na construção de ônibus espaciais. Mas, os soviéticos desenvolveram logo depois

uma estação muito melhor, a *Mir*, que funciona até hoje e onde o ser humano vem batendo seguidos recordes de permanência em órbita. Tanto um, quanto outro, aproveitavam o interesse científico para aperfeiçoar seus foguetes, os futuros transportadores de armas nucleares contra as cidades inimigas.

Em alguns momentos, pareceu que isso ia mesmo acontecer. Em 1956, a URSS confrontou a França e a Inglaterra em favor do Egito, na crise de Suez, e, em 1962, os Estados Unidos

ameaçaram Moscou, no caso dos foguetes em Cuba. Em muitos outros episódios, a confrontação foi indireta, como nos casos das guerras da Coreia, do Vietnã e do Afeganistão, onde uma das superpotências se envolveu diretamente, ou na de Angola, onde não chegou a haver participação direta, mas sustentação aos lados em guerra.

Em termos regionais, a América Latina foi palco de lutas e intervenções contra movimentos nacionalistas e socialistas, a partir dos anos 60, gerando

longa lista de ditaduras militares. No Oriente Médio, a garantia de acesso ao estratégico petróleo árabe norteou as políticas dos dois blocos, por entre as diversas guerras árabe-israelenses. No mundo socialista, movimentos como o da Hungria (1956) e Tcheco-Eslováquia (1968) foram reprimidos pela União Soviética, de modo a manter seu bloco sem fissuras.

**Presença da Europa** – Ao longo desse caminho, a crescente interdependência européia em relação aos Estados Unidos permitiu a consolidação de uma brecha de respiração e os anos 70 puderam assistir à chamada coexistência pacífica: os dois gigantes concordavam em relaxar e deixava-se a Europa estabelecer sua política de bloco econômico próprio.

A dissolução do mundo soviético, no início dos anos 90, sob a descontrolada descompressão promovida por Mikhail Gorbachev, eliminou as razões da Guerra Fria: o comunismo evaporou-se, da noite para o dia. O quadro internacional passou a registrar apenas um conjunto de nações sob tumultuada reciclagem mental e econômica, na Europa Oriental.

**Falcões sempre alertas** – As vezes da Guerra Fria perderam seus argumentos, mas já procuram outros. O senador republicano Robert Dole, um pré-candidato a presidente dos Estados Unidos no ano que vem, lançou um alerta, em março passado: “Os soviéticos perderam a Guerra Fria, mas os norte-americanos não a ganharam”, citando Richard Nixon. “A Rússia quer se reabilitar, a China tem ambições internacionais, os terroristas estão espalhados por aí, com apoio de certos Estados.” O senador acentuou a necessidade de os Estados Unidos imporem sua liderança mundial, para estabelecer disciplina, por exemplo, no comércio internacional: “Muitos países que estão desejosos de participar do comércio mundial não entenderam nem aceitaram completamente as regras e disciplinas dessa atividade”, referindo-se diretamente à China. E o fecho de seu pensamento nada fica a dever aos piores momentos da Guerra Fria: “A rivalidade geopolítica com a Rússia não terminou com o fim do comunismo soviético.” Os falcões são incansáveis. ■

## ONU, a mesa de negociações

A Segunda Guerra Mundial evidenciou o fracasso da Liga das Nações, criada após a Primeira Guerra. Assim, a nova guerra estimulou idéias para a criação de novo organismo capaz de manter a paz e promover a cooperação internacional.

A Carta do Atlântico, firmada por Roosevelt e Winston Churchill, em agosto de 1941, e a Declaração das Nações Unidas, assinada por 26 países aliados, em janeiro de 1942, foram embriões do que viria a ser a maior organização mundial de todos os tempos.

Em abril de 1945, já no final da guerra, realizou-se a Conferência de São Francisco, da qual resultou a Carta das Nações Unidas, assinada por 50 países. No dia 24 de outubro de 1945 foi oficialmente constituída a Organização das Nações Unidas (ONU), com sede em Nova Iorque, nos EUA. Esta localização já insinuava o papel a ser desempenhado por Washington na nova instituição. Afinal, os EUA emergiam da Segunda Guerra Mundial, ao lado da URSS, como uma das superpotências do planeta, sendo a única nação, na época, a deter o controle da energia nuclear.

A estrutura orgânica da ONU é composta de seis órgãos: a Assembléia Geral, o Conselho de Segurança, o Conselho Econômico e Social, o Conselho de Tutela, a Corte Internacional de Justiça e o Secretariado.

De todos estes órgãos, o mais importante e o mais exclusivo é o Conselho de Segurança, composto por 15 membros: cinco são permanentes (China, EUA, França, Reino Unido e Federação Russa, que ocupou o lugar da ex-URSS, em 1991) e os outros dez rotativos. Além do poder de influência nas votações, os membros permanentes são os únicos a deter o poder de veto.

Entre êxitos e fracassos, a ONU foi o fórum por excelência, onde se debateram quase todas as grandes questões que marcaram o mundo do pós-guerra e constituiu-se em espaço de extraordinário valor para as nações em desenvolvimento.

Nos anos 90, com a desintegração da URSS e o fim da Guerra Fria, vieram à tona algumas discussões sobre a necessidade de reformulação do organismo, que hoje congrega 185 países dos 192 existentes. Uma das questões que têm sido debatidas é a ampliação do Conselho de Segurança, onde potências econômicas, como o Japão e a Alemanha, não possuem o *status* de membros permanentes.

O Brasil desenvolve, há algum tempo, um trabalho diplomático, visando a conseguir também um lugar permanente no Conselho de Segurança. Pelo seu porte, pelo tamanho de sua população, pela dimensão adquirida por sua economia – uma das dez maiores do mundo – o Brasil reivindica essa posição. A crescente participação em forças de paz, como nos casos de Angola e Moçambique, demonstra o nível desse interesse. (Marco André Baloussier)

A matéria de capa continua, na página 23